

O Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo e os Trinta Anos da Revista *África*

Fernando Augusto Albuquerque Mourão

De 1965 a 1968, o Centro de Estudos de Cultura Africana (CECA) funcionou junto à antiga cadeira de Sociologia II da então Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP. Em 1969 foi criado o Centro de Estudos Africanos (CEA) e foi transformado em órgão interdepartamental de apoio ao ensino e à pesquisa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). Posteriormente seu regimento sofreu alterações, tendo sido aprovado pela douta Congregação da FFLCH em 2002.

O total desconhecimento do continente africano, de seus países, uma constante na sociedade brasileira, foi determinante para a criação do CEA, que, como instituição, teve por objetivo um programa flexível, até por limitações financeiras e não só, pois havia que preparar quadros competentes, visando um desenvolvimento paulatino dentro de uma afirmação universalista e não particularista. O CEA sempre teve muito claro a sua opção universalista e sempre evitou resvalar para pesquisas e ensino próprio de áreas particularistas, partindo do princípio de que o continente africano e seus países são uma realidade específica, uma parte da humanidade. Assim, deliberadamente, evitou-se sempre apresentar África como um continente desprotegido, prejudicado que foi pelas vicissitudes da História, mas como uma unidade, ou por país ou região, do mesmo modo a que procederíamos se estivéssemos estudando a Europa, a Ásia, ou qualquer outro continente. África merecia, e merece, ser tratada com dignidade e, em condições de igualdade com o resto do mundo, com as suas características, assimetrias, nas suas glórias e inglorias.

Cabe registrar que o CEA, desde seu início, sempre levou em linha de conta as limitações de orçamento da USP, suas prioridades, as naturais dificuldades orgânicas do modelo administrativo uspiano, motivos suficientes para explicar o fato de nunca ter pretendido caminhar no sentido de uma expansão especial, limitando-se, sim, a um desenvolvimento de suas atividades no quadro do possível e, porque não, do impossível. Dentro deste quadro de limitações, o CEA optou por fomentar a criação de cursos, de pesquisas, de atividades envolvendo a criação de núcleos em torno do estudo do continente africano, quer na USP, quer em outras universidades e instituições, e mesmo fora do âmbito universitário, mormente junto ao setor privado como, por exemplo, com a criação de uma coleção de autores africanos, lançada em boa hora, por uma conhecida casa editorial, além da edição da História Geral de África pela UNESCO. O CEA, de fato, cumpriu o seu papel ao disseminar a sua proposta.

Dezenas de cursos de graduação e pós-graduação foram criados na estrutura da USP, uns diretamente por iniciativa do CEA, outros, por outros departamentos, do que resultou, entre outros fatores, em mais de cem teses de mestrado e doutorado já defendidas. Foi nesse contexto que tivemos ocasião de contar, na qualidade de docentes e pesquisadores, dezenas de colegas estrangeiros, africanos e não africanos, entre os quais Georges Balandier (Sorbonne), Luís Beltrán (Universidade de Lubumbashi e Alcalá de Henares), Lanciné Sylla (Universidade da Costa do Marfim). Foram igualmente criados cursos de outros tipos, nomeadamente de línguas africanas. De 1977 a 1999, o CEA promoveu o curso *Introdução ao ensino da língua e da cultura Yoruba*, bastante procurado, principalmente por pesquisadores de religião afro-brasileira, por pais e mães de santo, assim como por interessados de forma geral, mormente da área de lingüística. Esse curso oferecia subsídios da língua e da cultura ioruba importantes para o entendimento de religiões afro-brasileiras. Deixou de ser oferecido exclusivamente por conta de entraves burocráticos que nos foram impostos pela administração.

A partir de 2003 o CEA passou a promover dois módulos de cursos de difusão cultural: *Introdução aos Estudos de África e Aspectos da Cultura e da História do Negro no Brasil*, oferecidos respectivamente no 1º. e no 2º. semestre de cada ano. Ressalte-se também que o Departamento de Lingüística de nossa Faculdade, que trabalha com línguas africanas, iniciou em 2006 um

curso de *Língua e Cultura Suaíli (Kiswahili)*, uma das línguas mais faladas por vários países no continente africano, até como segunda língua oficial: Tanzânia, Quênia, Uganda, parte da República Democrática do Congo, Moçambique...

Numerosos convênios foram assinados com universidades africanas ao longo destes anos, permitindo desenvolver um intercâmbio sadio que, entre outros fatores, resultou em aproximações e conhecimento. Graças ao intercâmbio com universidades, institutos africanos e principalmente ao Itamaraty, passamos a contar nestes anos com a presença de cerca de três centenas de estudantes africanos e foi possível desenvolver um acervo documental variado, o que deu consistência ao CEA.

A revista editada pelo CEA, *África*, que agora comemora trinta anos, lançada em janeiro de 1978, publicando matérias em várias línguas é um exemplo da vitalidade do CEA e até de suas limitações diretas e indiretas. Ela, por si só, revela o grau de independência acadêmica do CEA, na sua, diria mesmo, missão de aproximar o Brasil aos países africanos, de congregar as comunidades acadêmicas e de despertar a atenção dos estudantes e estudiosos em geral. Trinta anos de publicação, embora com interrupções decorrentes de limitações de ordem administrativa, é um tempo que merece ser posto em relevo, razão de ser deste número da revista e da criação de uma estatueta comemorativa com o símbolo do CEA. Além da revista *África*, com números especiais e reedição de alguns números, o CEA publicou, não só monografias, como uma coleção de documentação bibliográfica pertinente aos mais variados assuntos relativos ao tema amplo dos estudos africanos.

Não podíamos, por consciência, deixar de reverenciar alguns nomes que, desde a primeira hora, contribuíram para o êxito do CEA: Eurípides Simões de Paula, Ruy Galvão de Andrada Coelho, Dirceu Lino de Matos, José Roberto da Fonseca, Miguel Reale, Orlando Marques de Paiva (falecidos), aos funcionários que trabalharam e trabalham no CEA, Cecília, Márcia V. A. Ferreira, Patrícia Caldeira, Antonia de Lourdes dos Santos, Maria Odete Ferreira, secretária e editora técnica da revista *África*, assim como os atuais dirigentes do CEA, Kabengele Munanga, Margarida Petter e o decano Carlos Serrano.

Todos os colaboradores, alguns já falecidos como Fernando Monteiro de Castro Soromenho, Eduardo de Oliveira e Oliveira, Darcy da Silva, e tantos outros; os antigos e atuais dirigentes do CEA, aos colegas que colabo-

raram, entre os quais João Baptista Borges Pereira, Liana Sálvia Trindade, Henrique Altemani de Oliveira, Fábio Leite, Dilma de Melo Silva, Francisco Valente, fazem parte da história e da memória do Centro de Estudos Africanos e da revista *África*.

Julho de 2008